

TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA APRESENTADA PELO GESTAR II PARA A PRODUÇÃO ESCRITA EM SALA DE AULA

LIMA, Maria José Cavalcante de¹
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
mazécavalcantelima@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho propõe-se a analisar as orientações teórico-metodológicas apontadas pelo Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – GESTAR II, de formação continuada, oferecido pelo MEC, semipresencial, destinado aos professores do 6º ao 9º ano, do Ensino Fundamental, em Língua Portuguesa. Tem como objetivo analisar como estas orientações são transpostas didaticamente pelos professores cursistas, em três escolas públicas de Natal, bem como investigar como o professor que passou pelo processo de formação continuada do Gestar II mobiliza, atualiza, transpõe e constrói conhecimentos em situações cotidianas de sala de aula, principalmente no que concerne a concepção de linguagem, de ensino e de escrita. Pretende-se, ainda, perceber que impactos este curso pode proporcionar às práticas pedagógicas do ensino de LM em sala de aula, pois se acredita que a Língua deve ser vista como processo de interação entre sujeitos usuários da mesma, que constroem sentidos e significados que se constituem segundo seus conhecimentos prévios e seus papéis sociais. Nosso corpus são os documentos elaborados pelo MEC. Metodologicamente, está inserida no campo da Linguística Aplicada, sendo de natureza qualitativa interpretativista, fundamenta-se no conceito de gênero discursivo de Bakhtin e seu círculo (1992), e em Geraldi (2003), Antunes (2003) pelas reflexões sobre a produção de textos na esfera escolar.

Palavras-chave: Concepção de linguagem; escrita; Gestar II.

ABSTRACT: This study aims to examine the theoretical and methodological approaches identified by the Program Management School Learning - GESTAR II, continuing education program, offered by the Ministry of Education and Culture (MEC), the modality semi-presencial, for teachers from 6th to 9th year of elementary school, in Portuguese. As well as investigating how the teacher who went through the process of continuing education GESTAR II mobilizes, upgrades, builds and implements knowledge on situations everyday in classroom, especially as regards the conception of language, teaching and writing. Is intended also to realize that; this course impacts of continuing education offered by the MEC, may provide the pedagogical practices of LM teaching in the classroom, since it is believed that the language should be seen as a process of interaction between users of the subject, that construct meanings that are constituted according to their prior knowledge, their social roles. Our corpus is drawn up by the MEC. Methodologically, it is inserted in the field of Applied Linguistics, being a natural qualitative interpretive, based on the concept of genre of Bakhtin and his circle (1992), and Geraldi (2003), Antunes (2003) by reflections on the production of school texts in the field.

Keywords: Design of language, writing, Gestar II

¹ Mestre pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte no Programa de Estudos da Linguagem; Especialista em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Especialista em Literatura e Ensino pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN); graduada em Letras (UFRN) e professora da rede municipal e estadual de ensino de Natal/RN.

A partir da década de 80, com a introdução oficial da linguística nos cursos de letras no país, bem como no reconhecimento dessa disciplina como ciência, ocorreu o desenvolvimento de diversos estudos lingüísticos, que tinham como preocupação (re)considerar o objeto desse ensino e, sobretudo, propor uma nova concepção de ensino de língua portuguesa.

Essa nova concepção de língua foi sendo construída, ao longo desses últimos trinta anos, através de vários modelos teóricos e linhas de pesquisa pelos quais passamos, desde a linguística estrutural à análise do discurso, trilhando ainda pelo gerativismo, pela linguística textual, pela análise de conversação, dentre outros.

Essa mudança no modo de abordar os estudos da linguagem passou a enxergar e conceber a Língua não mais como simples instrumento de transmissão de mensagens, nem mais como veículo de comunicação por meio do qual alguém diz ou escreve algo para alguém que deve compreender o que ouve ou lê, mas como processo de interação entre sujeitos, processo em que os interlocutores vão construindo sentidos e significados ao longo de suas trocas lingüísticas sejam elas orais ou escritas.

Nesse sentido, Bakhtin (1981, p. 123) afirma:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui a realidade fundamental da língua.

Essa nova abordagem ganhou destaque e foi objeto de discussão nos cursos de Pós-graduação de todo o país, pois a busca em torno da ampliação e diversificação da Língua provocaria uma mudança significativa nos paradigmas norteadores das práticas pedagógicas do ensino de língua portuguesa e conseqüentemente alteraria o enfoque dado aos conteúdos, porque o professor passaria a conceber o gênero do discurso como o objeto de estudo a ser trabalhado em sala de aula e o texto a unidade de ensino por excelência.

Para Bakhtin (2003, p. 302):

Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas). Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas).

No entanto, constata-se que apesar de todos esses avanços teóricos, respaldados pelas pesquisas mais contundentes e especializadas, a observação e o diagnóstico de muitas pesquisas realizadas no espaço escolar apontam que os efeitos dessa mudança ainda têm pouca interferência na aula de língua portuguesa.

Evidencia-se ainda no discurso da escola a mesma programação limitada de ensino da língua, na qual a maioria dos professores gasta o tempo das aulas no ensino e utilização de regras gramaticais, classificações e/ou a nomenclatura que não avançam e que resultam numa prática pedagógica artificial, abstrata, descontextualizada, distanciada da realidade de uso social do aluno.

Revelando-se como resultado um trabalho fragmentado, pautado na gramática normativa, com baixa produção de texto e atividades de leitura que, na maioria dos casos, não passam de mera decodificação. Sem falar da confusão que ainda continua na cabeça de alguns professores quando se refere às aulas de português como se equivalesse a aulas de gramática. E de outros professores que, infelizmente, se aposentaram sem nunca ter percebido que a língua extrapola os limites da gramática.

Diante desse quadro, compreende-se que o caminho é longo quando o assunto é a transposição de pesquisas e teorias linguísticas para a sala de aula de língua portuguesa, porque muitas vezes as mudanças sugeridas por tais pesquisas ficam reservadas apenas a apresentações em congressos ou seminários de linguística, algumas são publicados em anais ou revistas especializadas, restritas a um grupo de especialistas, muitas vezes, inacessíveis à prática pedagógica de professores do ensino fundamental e médio.

Enquanto se busca saber, através de questionamentos e pesquisas, o que está faltando para que essa produção científica chegue até os professores, não se pode negar que tais teorias têm chegado à sala de aula, com maior ou menor intensidade, através do material pedagógico utilizado pela maioria dos professores, e se mostrando mais próximas no fazer pedagógico, nos últimos anos. E se instalou de forma mais efetiva, quando os estudos linguísticos bakhtinianos de base enunciativa e sociointeracionista que redimensionaram as concepções de língua, gênero e texto, foram aceitos pelos PCN e contribuíram de forma significativa para o surgimento de novas abordagens didáticas.

Para dar conta desse ensino de Língua, que evidencia o caráter social da língua, o dialogismo e a teoria dos gêneros do discurso, como salienta Bakhtin (2003), nos últimos anos tem surgido de maneira acentuada muitos cursos de formação continuada cujo objetivo aparece associado ao processo de melhoria das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores em sua rotina de trabalho e em seu cotidiano escolar.

Com o olhar voltado para esses cursos de formação, esta pesquisa de doutoramento se propõe a analisar as orientações teórico-metodológicas apontadas pelo Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II, programa de formação continuada, oferecido pelo Ministério de Educação e Cultura - MEC, na modalidade semipresencial, destinado aos professores do 6º ao 9º ano, do Ensino Fundamental, em Língua Portuguesa, bem como investigar como os professores cursistas se apropriam e fazem a transposição didática dessas concepções oficiais.

Diante do exposto, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar como as orientações teóricas apresentadas pelo Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – GESTAR II – são transpostas didaticamente pelos professores cursistas, em três escolas públicas de Natal. Pretende-se, ainda, compreender o fenômeno da transposição didática, bem como investigar como o professor que passou pelo processo de formação continuada do Gestar II mobiliza, atualiza, transpõe e constrói conhecimentos em situações cotidianas de sala de aula, principalmente no que concerne a concepção de linguagem, de ensino e de escrita adotada. Além disso, perceber que impactos o curso de formação continuada, oferecido pelo MEC, na modalidade semipresencial, pode proporcionar as práticas pedagógicas do ensino de Língua Materna em sala de aula.

Compreende-se que a escolha de um determinado assunto como objeto de pesquisa não ocorre de forma aleatória. Na verdade, é resultado de algumas questões que se colocam perante uma determinada realidade que trazem no seu bojo uma carga de valores e pressupostos que não apenas revelam o contexto sócio-histórico em que o pesquisador se encontra, mas também o contexto do próprio objeto que se pretende pesquisar.

Dessa forma, a escolha do objeto desta pesquisa surgiu a partir da experiência que vivenciei ao participar do Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – GESTAR II, do MEC, que oferece formação continuada, na modalidade semipresencial, destinado aos professores do 6º ao 9º ano, do Ensino Fundamental, em Língua Portuguesa, em busca de novos conhecimentos, de novas teorias e práticas pedagógicas.

Mesmo com muito tempo de sala de aula e fazendo parte do grupo de professores interessados em uma renovação do ensino da língua, sofro muito com o como ensinar, sinto-me intimidada e às vezes despreparada para afrontar uma tradição milenar. Isto ocorre, principalmente, quando não consigo redimensionar o estudo da gramática para uma

perspectiva mais semântica da língua ou de análise do discurso, sinto que existe de certa forma um recuo na minha prática pedagógica.

Sabemos que há no mercado muitos livros com sugestões de como desenvolver alguns conteúdos gramaticais, sem um destaque puramente normativo, com os olhos mais voltados para a dimensão semântica, mas eles não são suficientes para dar conta de todos os conteúdos que compõem o programa da disciplina. E esses conteúdos que ainda não foram explorados pelos estudiosos da língua, terminam sendo trabalhado de forma convencional.

Essa falta de segurança no como ensinar alguns conteúdos que ainda não foram tratados por estudiosos como objeto de investigação, nos traz certa frustração e uma sensação de estar retroagindo ao aderir às práticas cristalizadas de ensino de gramática, pois acreditamos que o ensino da gramática teórica não é essencial para que o aluno aprenda a sua língua.

Como forma de suprir essa lacuna que, às vezes, me leva à prática tradicional do ensino da língua, foi que resolvi participar do GESTAR II. Ao iniciar a formação continuada e conhecer a filosofia defendida pelo programa através dos seus documentos, fiquei encantada, senti que esse curso poderia ser a solução para ajudar a preencher a lacuna citada.

Pois, de acordo com a apresentação vista no 1º encontro, o programa tem como objetivo desenvolver um conjunto de ações pedagógicas que incluem discussões sobre questões teóricas e práticas, com o objetivo de colaborar para a melhoria do processo ensino-aprendizagem dos alunos na área de língua portuguesa, bem como contribuir para o aperfeiçoamento da autonomia do professor na sua prática pedagógica e permitir ao mesmo, o desenvolvimento de um trabalho baseado em competências e habilidades.

O discurso presente nos primeiros documentos aos quais tive acesso fez-me ver esse curso como uma forma de obter as condições necessárias para desenvolver um trabalho significativo em sala de aula, sem precisar usar a metalinguagem, as classificações e as nomenclaturas que não são interessantes para o uso social que os alunos fazem da língua no seu cotidiano, nem contribuem para os tornarem leitores e produtores proficientes de texto.

O documento traz ainda que, quanto ao ensino aprendizagem, o trabalho do Gestar II se baseia na concepção sócio-construtivista do processo de ensino-aprendizagem, que a aprendizagem era concebida como o processo pelo qual o ser humano se apropria do conhecimento produzido pela sociedade e que em qualquer ambiente, a aprendizagem é um processo ativo que direciona as transformações da pessoa.

Os fundamentos da proposta pedagógica do Gestar II, presentes nesse documento, eram perfeitos, pois traziam, numa leitura inicial e apressada, vários aspectos que contribuía para uma discussão do como ensinar os conteúdos do ensino de Língua Portuguesa sem comprometer a ampliação da competência discursiva do aluno, e ao mesmo tempo proporcionar a este o desenvolvimento da sua capacidade de se comunicar oralmente, bem como a oportunidade da escuta dos mais diversos gêneros que circulam em nossa sociedade e a viabilização do processo de leitura e de escrita de textos bem construídos.

Ao longo do curso, em encontros semanais, que tinha como finalidade proporcionar aos professores cursistas a oportunidade de conhecer novas estratégias de atuação e de adequá-las à sua sala de aula, na realidade, o que fazíamos em sala de aula era compartilhar com os novos professores da rede estratégias e sugestões já vivenciadas nas experiências, ao longo dos anos. Após algumas semanas de curso, comecei a ficar desmotivada, pois os discursos dos professores, ao relatarem suas experiências práticas de sala de aula, começavam a se repetirem. E na minha cabeça os questionamentos começavam.

Como um professor que passou por um processo de formação continuada dessa natureza, na modalidade semipresencial, mobiliza, atualiza, transpõe e constrói conhecimentos em situações cotidianas de sala de aula? Que tipo de concepção de prática se quer ter: a de transmissão de saberes ou uma concepção de prática reflexiva que nos leva a

saber o que estudar, o para quê e o como? Quais os efeitos que esse saber didático, produzido pelo Gestar II, provoca ao ser transposto na escola? Como o saber científico pode ser transposto para a sala de aula e ser transformado em um novo saber produzido na interação com o conhecimento existente no espaço escolar?

A solução encontrada para permanecer no programa do Gestar II e ter respostas para os meus questionamentos foi me aprofundar bastante nas situações didáticas presentes nos Cadernos de Atividades de Apoio à Aprendizagem do Aluno – AAA, para poder fazer a transposição didática em sala de aula.

Nesta fase de transposição, outros questionamentos começavam a me inquietar: Será que eu não estou apenas repassando para os meus alunos um modelo pronto, acabado, sem questionar ou refletir? Será que ao fazer a transposição, estou realmente considerando a produção escrita dos alunos como produto de uma atividade discursiva? Eu tenho o conhecimento competente sobre os conteúdos transpostos ou apenas transmito o conteúdo científico aos alunos?

A proposta para o ensino de Língua Portuguesa, apresentada no GESTAR II, sugere o trabalho com os gêneros, o que requer dos professores fundamentação teórica para o desenvolvimento de suas atividades. Então, como será a transposição didática feita pelos professores cursistas com pouco ou nenhum domínio desses fundamentos teóricos?

Diante destes questionamentos, descobri a importância da transposição didática, apresentando-se como um objeto de saber que deve ser ensinado e não aprendido por intuição, imitação ou experiência adquirida ao longo do tempo de sala de aula, pois é ela quem revela como foram construídas as práticas escolares. Diante desse fato, resolvi realizar uma pesquisa com o objetivo de entender melhor esse fenômeno.

Esta pesquisa é, portanto, fruto desse percurso inquietante que se propõe a analisar, através da produção escrita feitas pelos alunos e pelos relatórios de conclusão de curso dos docentes participantes, como as orientações teórico-metodológicas, apontadas pelo Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II são transpostas didaticamente em sala de aula.

Após um breve passeio pelos sites do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Domínio Público buscando trabalhos que de alguma forma tocam o objeto de estudo proposto neste projeto, pudemos perceber que, mesmo tendo sido realizado em 2001 a primeira edição de o programa GESTAR II, há poucos registros de trabalhos sobre ele.

No que se refere ao estudo da transposição didática no GESTAR II, citamos dois artigos com dados parciais de investigação de doutorado em andamento: o primeiro de autoria de Kochhann e Pirola, pesquisadores do Programa de Pós-Graduação de Educação para a Ciência – UNESP/Bauru-SP, que apresentam dados acerca do GESTAR II, do qual analisam um caderno de Teoria e Prática (o TP7), sobre a geometria; o segundo de Souza e Nunes, pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas – IEMCI/ Pará, que analisa as contribuições, os limites e as dificuldades do Programa Gestão de Aprendizagem de Matemática (GESTAR II) na atividade docente, tecendo considerações a respeito de teorias da Didática da Matemática, contidas no programa, e suas possíveis imbricações com a teoria pós-moderna.

No que concerne aos estudos dos gêneros do discurso como objeto de ensino da língua materna, citamos dois trabalhos, a dissertação de mestrado de Socorro (2009), pesquisadora do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem – MeEL, Instituto de Linguagem, UFMT, que discute os gêneros do discurso e a formação docente, em processo contínuo, proposta pelo GESTAR II de Língua Portuguesa – realizado com professores atuantes no Ensino Fundamental. E a pesquisa de Oliveira (2010) que apresenta o resultado das atividades com o gênero Memória, realizadas a partir da Olimpíada de Língua Portuguesa e os saberes

desenvolvidos por meio das aprendizagens obtidas com o Programa Gestão de Aprendizagem Escolar – GESTAR II.

Pode-se citar ainda, alguns trabalhos desenvolvidos apenas para registrar algumas atividades feitas pelos professores cursistas durante a formação, referentes ao conteúdo dos cadernos de Teoria e Prática - TPs, desenvolvidas em sala de aula pelos professores de Língua Portuguesa e de Matemática dos anos finais do Ensino Fundamental. Além de registros fotográficos, reprodução de produções textuais, tem ainda alguns comentários dos cursistas falando sobre as sequências didáticas feitas para conseguirem realizar a proposta de trabalho com o aluno em sala de aula.

Nesse contexto, esta pesquisa é bastante relevante por ainda ser um campo pouco explorado a partir do GESTAR II e também por apontar a situação desafiadora da prática docente frente à complexidade de transpor um conteúdo científico, estudado em um curso de formação de professores, para as situações cotidianas de sala de aula.

Nosso direcionamento teórico-metodológico orienta-se pelas concepções de Transposição Didática tomado dos estudos de Chevallard (1991), que mostram que as transformações que os saberes sofrem no ambiente de ensino são fundamentais, e a valorização da pura produção de conhecimento, em detrimento das manipulações necessárias ao processo de socialização, sugere a impossibilidade do próprio funcionamento das sociedades.

Segundo o autor, o “saber sábio”, ao se transformar em “saber ensinado”, é descontextualizado, naturalizado, despersonalizado e descontemporaneizado. Chevallard é um autor essencial para compreensão do processo de transformação do conhecimento científico em conhecimento escolar e é também o principal responsável pela divulgação do conceito de transposição didática, para ele os objetos de conhecimento passam por mudanças que os transformam em objetos de ensino, que tornam os conhecimentos acessíveis.

A pesquisa ainda será oriunda da bibliografia disponível acerca das concepções de linguagem que envolve Travaglia (2003) que nos apresenta três concepções: A linguagem como expressão do pensamento, a linguagem como instrumento de comunicação e a linguagem como forma ou processo de interação, para nos mostrar que o ensino de Língua Portuguesa está acontecendo numa perspectiva inadequada, que vê a Língua como mero instrumento de comunicação e não como interação verbal, como atividade constitutiva do ser humano.

E numa visão mais ampliada, estudaremos a linguagem como prática simbólica sócio-histórica, forma de ação entre sujeitos, condição mesma da constituição desses sujeitos, defendida por Suassuna (2006), que nos faz acreditar que no ensino de Língua Portuguesa é interessante haver reflexão, aprofundamento e sentido para o aluno.

Sem isso, ele não aprenderá de forma significativa, pois não consegue se interessar, não consegue construir seu conhecimento e ninguém gosta de aprender algo que não lhe interesse, que não faça sentido para si, que não o permita fazer uma aplicação concreta, enfim um ensino no qual o aluno não vê sentido prático do estudo de sua própria Língua para a vida diária, o que acaba por desestimulá-lo.

Fundamentada na linha de pensamento de Geraldí (2003), manteremos o foco no ensino de língua escrita, que possui um lugar de destaque na escola, mas que o professor muitas vezes se esquece de considerá-lo como “o produto de uma atividade discursiva onde alguém diz algo a alguém”.

Antes de tecermos qualquer comentário sobre Gêneros discursivos, desejamos ressaltar que Bakhtin (2003, p.302) define a enunciação como um produto da relação social e completa que qualquer enunciado fará parte de um gênero:

Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas). Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas).

A palavra, nessa perspectiva, vem de um falante socialmente situado e dirige-se para um interlocutor também socialmente situado, sendo assim determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Assim,

Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. [...]. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN (Volochinov), 1995, p. 113).

Para o Círculo de Bakhtin, toda enunciação é carregada da “voz alheia” do outro, sendo que a presença do interlocutor é tão essencial quanto a presença do falante, que sempre toma a palavra numa atitude responsiva, para retificar, concordar, discordar, polemizar etc. Nesse sentido, estamos tratando do caráter responsivo da linguagem, ou seja, a resposta a algo que foi dito anteriormente e a retomada da fala alheia. Essas duas orientações constituem o funcionamento dialógico da linguagem na concepção bakhtiniana.

Bakhtin (2003) defende ainda que, em todas as esferas da atividade humana, a utilização da língua realiza-se em formas de enunciado (orais e escritos), concretos e únicos. Esse autor agrupa os gêneros em dois grupos: os gêneros primários – ligados às relações cotidianas (conversa face a face, linguagem familiar, cotidiana etc.; em um ângulo mais direto, esses gêneros são os mais comuns no dia-a-dia do falante e os secundários – mais complexos (discurso científico, teatro, romance etc.), referem-se a outras esferas de interação sociais, mais bem desenvolvidas.

Seguindo essa linha de pensamento, Bakhtin (2003) vê os gêneros discursivos como: coerções estabelecidas entre as diferentes atividades humanas e o uso da língua nessas atividades, ou seja, as concepções das práticas discursivas: Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua.

A língua deve ser vista como processo de interação entre sujeitos, processo em que os interlocutores vão construindo sentidos e significados ao longo de suas trocas lingüísticas sejam elas orais ou escritas. Os sujeitos usuários da língua constroem sentidos e significados que se constituem segundo seus conhecimentos prévios, seus papéis sociais e a situação de comunicação específica.

A esse respeito, Bakhtin (1981, p. 123) afirma:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui a realidade fundamental da língua. O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.

Não é de se surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma

língua. Assim, para Bakhtin (2003), os gêneros são aprendidos no curso de nossas vidas como participantes de determinado grupo social ou membro de alguma comunidade, pois como salienta esse autor, toda vez que alguém se comunica o faz por meio de algum gênero do discurso, cada esfera da atividade humana elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os gêneros do discurso:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (...) E é também com os gêneros do discurso que relacionaremos as várias formas de exposição científica e todos os modos literários (desde o ditado até o romance volumoso). (...) Não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a conseqüente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado. (BAKHTIN, 2003, p.280-281).

É interessante que entremos em contato com os mais diversos gêneros do discurso, tomando conhecimento de sua forma, estilo e conteúdo, pois todos nós, como já dissemos nos comunicamos por meio de algum gênero discursivo, nas diversas situações de comunicação em que nos envolvemos diariamente, pois a prioridade é estudar a língua em uso, da qual necessitamos ter proficiência cotidianamente.

Ora, assim observa-se a importância de o aluno desenvolver a sua capacidade de escrever textos significativos e relevantes socialmente, e, para isso, é necessário o domínio, por parte dos alunos, além das noções de gênero do discurso e de seqüências textuais prototípicas, a noção dos elementos de textualidade, pois a coerência é extremamente importante, e não somente ela, mas também a coesão, visto que um texto não é apenas uma soma ou seqüência de frases isoladas, pois há mecanismos que vão compondo a sua tessitura. Para tanto, a fim de dar conta da organização do texto, temos a contribuição da lingüística textual que, nesse aspecto, tem apresentado trabalhos relevantes para o entendimento da organização lingüística do texto.

Dessa forma, os conteúdos do ensino de Língua Portuguesa podem favorecer a ampliação da competência discursiva do aluno, proporcionando a este o desenvolvimento da sua capacidade de se comunicar oralmente, proporcionando também a oportunidade da escuta dos mais diversos gêneros que circulam em nossa sociedade, bem como a viabilização da escrita de textos bem construídos.

Metodologicamente, esta pesquisa está inserida no campo da Linguística Aplicada e configura-se como sendo de natureza qualitativa interpretativista, de abordagem sócio-histórica, uma vez que esta concebe a construção do conhecimento como uma interação que se realiza entre sujeitos. É necessário esclarecer que o nosso entendimento de sujeito é baseado nos pressupostos bakhtinianos, que o entende como histórico, inacabado, que se constitui na interação com o outro e que esse outro é o mundo no qual esse sujeito está mergulhado e não apenas o seu interlocutor direto.

Este trabalho propõe-se a analisar como as orientações teórico-metodológicas apontadas pelo Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – GESTAR II são transpostas didaticamente pelos professores cursistas.

Esta pesquisa pretende ainda produzir dados através da aplicação de questionários e entrevistas com alguns professores cursistas para registro de informações relevantes a pesquisa; análise da produção escrita dos alunos; análise dos relatórios de conclusão de curso feitos pelos professores e documentos oficiais elaborados pelo MEC para a formação continuada do GESTAR II.

É a partir desse corpus teórico/metodológico que se constituirá a análise desta pesquisa em três escolas públicas dos Anos Finais que integram a rede municipal de educação da cidade do Natal/RN.

REFERÊNCIAS

FREITAS, Maria Teresa de A. **A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento** *In*: FREITAS, Maria Teresa, SOUZA, Solange Jobim & KRAMER, Sônia. **Ciências Humanas e Pesquisa: leituras de Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico: O que é, como se faz?** São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

_____ **A Língua de Eulália: Novela Sociolingüística**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

BAKHTIN, Mikahail [1952]. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____ **Maxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: \conceitos-chave/** Beth Brait (org) 2a ed. – São Paulo contextos, 2005.

CHEVALLARD, Yves. **La Transposición didáctica: Del saber sábio AL saber enseñado**. Argentina: Aique, 1991.

DOLLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. (As faces da lingüística aplicada).

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 185-198.

FREITAS, Maria Teresa; SOUZA, Solange Jobim e. & KRAMER, Sônia. **Ciências Humanas e Pesquisa: leituras de Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.

GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

_____ **Portos de passagem**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KLEIMAN, Angela & SIGNORINI, Inês (Org.). **O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos**. Porto Alegre - RS: Artes Médicas, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez. 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de lingüística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas, São Paulo: Mercado de letras, 1996.

OLIVEIRA, Dalva de. **O gênero memória:** Práticas de leitura e produção escrita. Artigo publicado pelo programa professores formadores do CEFAPRO/Cáceres. Mato Grosso, dezembro, 2010.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** 13ª reimpressão. Campinas, São Paulo - SP: Mercado das Letras: associação de leitura do Brasil.

SOCORRO, Adriana. **Os gêneros do discurso e a formação docente gestar II: um olhar enunciativo-discursivo (im)possível.** Tese defendida na UFMT/Estudos de Linguagem, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação:** Uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2003.

VOLOCHINOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2004.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo, Martins Fontes, 1994.